

HERANÇAS INTELECTUAIS – O ARQUIVO MIROEL SILVEIRA – A CENSURA EM CENA

Profa. Dra. Maria Cristina Castilho Costa

Maria Cristina Castilho Costa

Livre-docente em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP (1997) e responsável pela disciplina Estética dos Meios de Comunicação. Autora de diversos livros, entre os quais *Questões de Arte*, *Arte: resistências e rupturas*, *A milésima segunda noite – da narrativa mítica à telenovela*, *Ficção*, *Comunicação e Mídias*, e *A imagem da mulher – um estudo da arte brasileira*.

Resumo

Este artigo fala do projeto de pesquisa desenvolvido junto ao Arquivo Miroel Silveira da Biblioteca da ECA e da importância desses documentos como suporte a pesquisas de caráter histórico e cultural, especialmente a reconstituição da história do teatro e da censura no Brasil.

Palavras-chave

Teatro, censura, metodologia de pesquisa

Abstract

This article tells about the archive Miroel Silveira's organization and the importance of these documents. This work will support a lot of historical and cultural studies and reserchs.

Keywords

Theater, censorship, research methodology

Não conheci pessoalmente Miroel Silveira, mas sei dele aquilo que todos dizem a seu respeito – que era produtor, autor, diretor, tradutor, cenógrafo – enfim, um homem de teatro. Que era um professor afetivo, incansável, interessado, e que ficava até altas horas da noite junto a seus alunos para fazer surgir um trabalho. Que era amigo fiel e constante. Clovis Garcia que foi seu amigo, colega de departamento e companheiro nas atividades de teatro diz que ele *era um polivalente: tradutor, adaptador, ensaísta, poeta, diretor de teatro, ator, diretor – um bom diretor de espetáculos –, crítico teatral, jornalista. Enfim, ele era polivalente*¹. Pertenceu a inúmeras associações de teatro, ganhou prêmios como escritor, deixou em seus alunos marcas profundas e, nos amigos, muita saudade.

E eu não o conheci pessoalmente, mas sou sua herdeira. Quando fui indicada para presidir a Comissão de Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, em 2001, fiquei imaginando de que maneira poderia dar a minha contribuição à unidade onde era docente, depois da gestão brilhante de Amílcar Zanni junto à Comissão de Biblioteca. Tinha dúvidas de poder deixar uma marca ou um trabalho de significância. Foi então que conheci o Arquivo Miroel Silveira. Trata-se de uma coleção de 6.137 processos de liberação de peças teatrais para apresentação pública, encaminhadas ao Serviço de Censura do Departamento de Diversões Públicas do Estado de São Paulo, entre os anos de 1930 a 1970, com todos os pareceres, carimbos, vetos e cortes dos censores, além dos originais das peças que deveriam ser encenadas, muitos deles ainda inéditos. Era de fato um tesouro que chegara à Biblioteca da ECA através das mãos de Miroel Silveira.

Conta-se que ele conhecia aquele arquivo não só por ter apresentado ele próprio diversas peças à censura, como também por ter realizado seu doutorado tendo por uma das fontes de informação a documentação nele contida. Orientado por Décio de Almeida Prado, ele escreveu a tese *A Comédia de Costumes – Período Ítalo-Brasileiro: subsídio para o estudo da contribuição italiana ao nosso teatro*, na qual analisa a formação dos grupos filodramáticos, sua produção teatral e sua posterior disseminação no teatro paulista. Grupos filodramáticos eram grupos amadores de teatro de origem operária e quase sempre imigrante, que viam na encenação de peças uma forma de defender e divulgar suas idéias libertárias e até anarquistas, além de conservar sua cultura de origem européia – italiana, portuguesa, russa ou lituana.

Assim, sabendo da riqueza que aqueles processos continham em termos de informação sobre o teatro paulista, quando a censura foi abolida no ano de 1988, Miroel tratou de ir ao DDP-SP para saber o que seria feito com aqueles documentos. Conta-se que ele teria encontrado no chão os volumes contendo os processos e que, tendo perguntado o que seria feito deles, teria sido avisado de que estavam destinados a virar cinzas. O professor conseguiu então salvá-los desse destino, levando-os para sua sala na ECA, onde ficou para pesquisa pessoal e dos professores e alunos.

Miroel morreu logo depois, mas deixou para a ECA essa herança maravilhosa que encontrei quando me tornei Presidente da Comissão de Biblioteca. Como socióloga da arte, aquele arquivo era tudo que eu queria encontrar para iniciar um projeto de relevância. Com o apoio

¹ Clovis Garcia em entrevista concedida em 2003 ao Projeto O Arquivo Miroel Silveira – A Censura em Cena.

necessário e incondicional da Diretora da Biblioteca, que se tornou a coordenadora administrativa do projeto – Bárbara Júlia Leitão – e da bibliotecária Analúcia Recine, coordenadora técnica da pesquisa, pus-me a campo para conseguir auxílio para organização desse arquivo. Conseguimos bolsistas de Iniciação Científica com verbas do CNPq, da FAPESP e da Sociedade Científica de Estudos da Arte – CESA, verbas de pesquisa da FAPESP e da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP e continuamos procurando parceiros que queiram ajudar a catalogar esses processos; criar um banco de dados com as informações concernentes aos autores, diretores e atores das peças e aos trâmites da censura. Estamos também publicando um *site* na Internet, no endereço www.eca.usp.br/censuraemcena, para possibilitar, no futuro, a consulta *on-line* a esses dados. Pretendemos ainda editar textos com análises sobre o teatro paulista e sobre a ação dos censores.

É trabalho para uma vida – os processos contêm toda a formação do teatro em São Paulo constituído por textos para circo-teatro e teatro de revista, comédias de costumes, melodramas e dramas. Há peças em diferentes idiomas, traduções inéditas e textos originais. Essa documentação traz a origem das grandes companhias das décadas de 1950 e 1960, os grandes textos dramáticos de cunho social e a vergonhosa ação dos censores. A cada processo mais informação e conhecimento.

Além de toda essa originalidade, há ainda a experiência inédita de um projeto de pesquisa que se realiza numa biblioteca universitária, em meio às rotinas de atendimento a seus usuários, num processo de análise interdisciplinar fecundo. Estamos aprendendo a trabalhar com arquivos, com documentação original, com história e com comunicação pois percebe-se nitidamente a íntima relação do teatro com a formação do cinema, do rádio e da televisão no Brasil.

Esperamos poder contribuir também para o estudo dessa prática autoritária da censura pois todas as palavras e trechos vetados estarão disponíveis nesse banco de dados aos interessados. E essa ação censória, apesar de rotineira e constante em todos esse anos a que se refere à documentação, não foi pequena. Dos 12% de processos já analisados, verificamos que cerca de 45% possuem algum tipo de interferência dos censores - ora cortando um palavrão, ora uma referência às autoridades brasileiras, ora uma crítica à Igreja Católica. Esse processo permanente de pasteurização da atividade teatral atingiu autores, tradutores e adaptadores, fez com que eles se submetessem a critérios absurdos e a uma relação indigna. Tudo isso precisa ser conhecido e avaliado por ter sido uma intervenção profunda e constante, realizada por pessoas que julgavam estar em defesa da cultura e dos bons costumes, mas que mutilavam os textos e humilhavam os artistas.

Mas, existe nessa ação perversa um lado bom – a conservação desse patrimônio para conhecimento da posteridade e a possibilidade de se escrever uma história fidedigna do teatro em São Paulo.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Tudo é inédito nesta pesquisa, a começar pelo fato de se estar trabalhando com documentação original, em bom estado de conservação, mas que não pode ser copiada mecanicamente, nem excessivamente manuseada, pois há textos em papel muito fino e delicado. Assim, a leitura dos documentos tem que ser feita a partir dos volumes e das peças encadernadas, uma vez que não tivemos verba para a desencadernação e separação dos processos.

Outro aspecto inovador é o fato da pesquisa estar gerenciada por um projeto, isto é, referir-se a um número limitado e conhecido de documentos – uma coleção – dos quais devemos dar conta da catalogação e análise, dentro de um tempo previsto pelo contrato firmado com a FAPESP.

Os pesquisadores realizam tarefas diferentes – lêem cuidadosamente o processo, retiram as informações acerca da companhia ou entidade que apresenta a peça; da autoria do texto, direção, atores e do local de apresentação, entre outras. Depois, lêem o texto e elaboram um resumo da peça. Esse resumo se organiza em três partes principais: 1- contexto, apresentação das personagens principais e localização da trama no tempo e no espaço. 2- identificação do conflito básico da história. 3- desfecho.

Feito o resumo, todas as informações são revisadas e introduzidas no banco de dados que está hospedado na rede da Biblioteca da ECA. Todo esse material é analisado pela coordenação do projeto, que elabora análises a respeito das peças. Finalmente, o banco de dados é alimentado com informações referentes ao processo de censura: nome dos censores, pareceres e tipo de censura.

Para organização do material pesquisado, criamos algumas categorias de avaliação dos processos quanto à censura:

Liberadas – peças cuja encenação é permitida.

Liberadas com cortes – peças que tiveram intervenção dos censores no texto, seja pelo corte de alguma palavra, seja pelo corte de trechos inteiros e de maior significância.

Liberadas com restrição de idade – peças nas quais o censor não interveio, mas proibiu para menores de 18 anos, limitando o público que tem a possibilidade de assisti-la.

Vetadas – peças que tiveram sua apresentação proibida.

Classificamos também os processos conforme o tipo de censura e a palavra ou trecho vetados:

Censura política – diz respeito ao conflito entre classes sociais e referências à nação brasileira ou às autoridades políticas. Há casos extremos em que a censura impede até mesmo a presença de personagem fardado por considerar um desrespeito às forças armadas.

Censura religiosa – procura cortar dos textos quaisquer referências à religião católica, vetando personagens que interpretem padres, proibindo vilões que sejam sacerdotes ou

qualquer fala que questione a ação política ou religiosa da Igreja. Até mesmo expressões como *Ave Maria!* são retiradas do texto.

Censura moral – tende a cortar do original palavras e expressões consideradas de baixo calão que sejam consideradas atentatórias aos bons costumes e à família. A palavra “amante” tem sido sistematicamente vetada, muito embora as peças, especialmente aquelas do teatro de revista, abordem costumeiramente a infidelidade conjugal.

Censura social – Há uma preocupação em cercear temas considerados delicados como os conflitos raciais ou religiosos. Palavras como “judeu”, “negro” ou “escravo” tendem a ser vetadas, especialmente em determinados períodos históricos, como a época Vargas, quando os conflitos étnicos da segunda Guerra Mundial repercutiam no Brasil.

Além dessa classificação de caráter qualitativo, estamos elaborando, tendo já realizado a catalogação dos primeiros 800 processos do Arquivo Miroel Silveira, os primeiros relatórios estatísticos. Eis alguns dados quantitativos do projeto:

Processos referentes especialmente à década de 1940:

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Total de obras catalogadas | 774 |
| Peças integralmente proibidas | 20 |
| Peças totalmente liberadas | 306 |
| Peças parcialmente liberadas | 424 |
| Processos sem informação de liberação | 24 |

Peças liberadas por faixa etária:

| Idade | Total de peças liberadas | Peças com cortes |
|--------------|---------------------------------|-------------------------|
| 10 anos | 3 | 2 |
| 14 anos | 28 | 1 |
| 18 anos | 87 | 43 |
| Total | 118 | 46 |

Personalidades cujos nomes aparecem nos processos já catalogados:

| | |
|--------------|-----|
| Autores | 482 |
| Tradutores | 83 |
| Adaptadores | 39 |
| Arranjadores | 9 |
| Compositores | 33 |
| Requerentes | 392 |
| Atores | 220 |
| Atrizes | 158 |

Funcionários do serviço de censura:

| | |
|-----------------------|----|
| Escriturários | 17 |
| Funcionários | 18 |
| Censores | 63 |
| Censores responsáveis | 8 |
| Censores estaduais | 10 |
| Censores federais | 13 |
| Censores substitutos | 3 |
| Delegados | 6 |
| Chefes | 25 |

Estes números, apesar de parciais (compreendem exclusivamente a década de 40), confirmam a extensão e complexidade da metodologia envolvida neste trabalho. Não se trata de adotar modelos prontos, mas de combinar criativamente ferramentas metodológicas para poder disponibilizar para pesquisas todo o acervo de forma organizada, com documentos devidamente tratados. A estrutura digital, catalogação, banco de dados e site também são de extrema relevância, porque oferecerão conteúdos já selecionados e funcionalidade para a localização de informações.

CONCLUINDO

Eu não conheci Miroel Silveira pessoalmente, mas sou sua herdeira. Ele deixou-me, sem saber, um tesouro de conhecimento e informação e a possibilidade de viver essa incrível experiência de desvendar ação da censura no teatro no Brasil. Espero dar uma mãozinha para que possamos espalhar a riqueza dessa herança para outros interessados, reavivando a memória dessa parte da vida brasileira ainda tão recente.